

# NAVEGANDO NO COMBATE À SÍFILIS E À SÍFILIS CONGÊNITA COM OS ADOLESCENTES RIBEIRINHOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Data de aceite: 01/07/2024

**Tatiana do Socorro dos Santos Calandrini**

**Valdecyr Herdy Alves**

**Nely Dayse Santos da Mata**

**Marlucilena Pinheiro da Silva**

**Márcia Vieira dos Santos**

**Raquel Dias Botelho Borborema**

**RESUMO:** **Objetivo:** Descrever as atividades desenvolvidas sobre sífilis e sífilis congênita com mulheres e adolescentes ribeirinhos na comunidade quilombola do Alto do Pirativa, no município de Santana, Amapá. **Método:** Estudo descritivo, do tipo relato de experiência, sobre a atividade educativa na temática de sífilis e sífilis congênita com mulheres e adolescentes ribeirinhos, realizado no dia 14 de outubro de 2023, no município de Santana, Amapá, norte do Brasil, fronteira com o Suriname, a Guiana Francesa e o Oceano Atlântico. **Resultados:** Foram realizadas dinâmicas de apresentação, atividade educativa, oferta de teste rápido para sífilis, consulta ginecológica em enfermagem, oportunizando o diálogo sobre os cuidados,

onde se percebeu alguns históricos de hipertensão, sobrepeso, experiência passada ou atual de violência sexual. A experiência demonstrou, que apesar das dificuldades locais, os residentes da comunidade estão motivados a participar da promoção do autocuidado. **Conclusão:** O estudo evidenciou que, para enfrentar os desafios associados a sífilis e sífilis congênita nessas comunidades, é imperativo adotar uma abordagem holística e culturalmente sensível. A promoção da saúde deve transcender os limites da dimensão biomédica, incorporando aspectos sociais, culturais e comportamentais que moldam a saúde dessas populações marginalizadas. **PALAVRAS-CHAVE:** sífilis; sífilis congênita; povos originários; adolescentes.

## INTRODUÇÃO

A sífilis é uma das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) mais relevantes e globalmente comuns, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). É caracterizada por infecção causada pela bactéria *Treponema pallidum* no hospedeiro e, quando ocorre em gestantes, manifesta-se como sífilis

gestacional (SG) (Marques *et al.*, 2018). A ausência de tratamento adequado, conforme destacado por Andrade *et al.* (2018), possibilita a transmissão transplacentária da bactéria para o feto, ocorrendo em qualquer momento da gestação ou estágio da doença, resultando na sífilis congênita (SC). A transmissão se dá, principalmente, por meio de contato sexual desprotegido (oral, vaginal e anal) com uma pessoa infectada (Moreira *et al.*, 2021).

Estimativas da OMS apontam que, no período compreendido entre 2009 e 2016, ocorreram globalmente, cerca de, 6,3 milhões de casos de sífilis, com uma prevalência média global de 0,5% tanto em homens quanto em mulheres. Em âmbito nacional, no período de 2012 a 2022, o Brasil notificou 1.237.027 casos de sífilis adquirida, 537.401 casos de sífilis em gestantes, 238.387 casos de sífilis congênita e 2.153 óbitos por sífilis (Brasil, 2023; Organização Pan-Americana da Saúde, 2019).

Na região Norte do país, foram notificados 23.820 casos, distribuídos em 13.568 casos de sífilis adquirida, 8.011 casos de sífilis em gestantes e 2.241 casos de sífilis congênita. No boletim epidemiológico de 2023, o estado do Amapá, em 2022, apresenta a taxa de detecção de sífilis adquirida de 106,0 casos/100.000 habitantes, mostrando taxa de detecção superior à nacional de 92,2 casos/100.000 habitantes (Brasil, 2023).

Embora essas infecções afetem grupos específicos da população, observou-se que o intervalo de idade de 13 a 19 anos corresponde à grande maioria dos casos notificados, destacando-se a vulnerabilidade dos adolescentes a essas condições (Alves *et al.*, 2019).

Os adolescentes constituem um grupo populacional que exige novas medidas para produzir saúde. Seu ciclo de vida evidencia que os agravos de saúde decorrem, principalmente, de hábitos comportamentais, os quais os expõem a vulnerabilidades presentes na sociedade, como o maior risco de contrair uma IST devido ao aumento da atividade sexual por esse público (Rocha; Silva, 2019).

Para Cabral (2019), ao se observar a saúde sexual de mulheres ribeirinhas, constatam-se precocidade sexual, elevado nível de fecundidade e curto intervalo de tempo entre as gestações. No Brasil, as comunidades ribeirinhas representam grande importância para os cenários geográfico, político, social, econômico e cultural, pois se configuram como agentes e territórios de resistência devido às suas lutas sociais ao longo da história da formação dessas populações. São considerados grupos sociais com formações territoriais que passaram a ocupar as margens dos rios e que detinham posições de subordinação e resistência na sociedade nacional, revelando, assim, o modo de vida peculiar de populações que se diferenciam do meio rural ou urbano (Betin, 2018).

Inúmeras dificuldades relacionadas à precariedade de ações das políticas públicas regulares, mais especificamente no âmbito da saúde, são enfrentadas por comunidades ribeirinhas. Para usufruírem dessas ações, os ribeirinhos precisam deslocar-se por horas ou, até mesmo, dias em busca de postos de saúde centralizados nas sedes municipais. Nesse sentido, habitar esse espaço configura um dos saberes que as populações das florestas têm a oferecer e a dialogar com outras culturas e formas de conhecimentos, haja

vista a relação pautada no ato de cuidar que estabelecem com o meio ambiente (Gama *et al.*, 2018; Vilas Bôas; Oliveira, 2016).

Posto isso, atuar no cuidado às populações ribeirinhas representa um desafio complexo, considerando que vivem em condições precárias de habitabilidade, com baixa escolaridade e acesso limitado ao sistema de saúde, estando vulneráveis de forma individual, econômica e social ao cuidado à saúde sexual e reprodutiva e expostas ao insucesso dos programas destinados ao cuidado a mulher. Segundo Betin (2018), isso requer a construção de redes interdisciplinares de pensamento, centralizadas nos problemas reais e que exigem muita dedicação e despojamento por parte dos profissionais.

Sendo assim, há necessidade de dialogar com a comunidade ribeirinha sobre sífilis e SC, que são problemas de saúde pública e que afetam os adolescentes e mulheres na comunidade ribeirinha, particularmente, vulneráveis a essas infecções. Portanto, torna-se indiscutível a demanda de ações educativas em saúde voltadas às comunidades ribeirinhas que oportunizem práticas preventivas para essas comunidades e, conseqüentemente, contribuam para a promoção da saúde.

## **OBJETIVO**

Descrever as atividades desenvolvidas sobre sífilis e sífilis congênita com mulheres e adolescentes ribeirinhos da comunidade quilombola do Alto do Pirativa, no município de Santana, Amapá.

## **MÉTODO**

O estudo é descritivo do tipo relato de experiência sobre a atividade temática de sífilis e sífilis congênita com mulheres e adolescentes ribeirinhos realizado no dia 14 de outubro de 2023, no município de Santana, no estado do Amapá, localizado no norte do Brasil, que faz fronteira com o Suriname, a Guiana Francesa e o Oceano Atlântico.

A Unidade Básica de Saúde (UBS) da comunidade do Alto do Pirativa desse município foi o cenário do estudo e eleita por intencionalidade por prestar cuidados à comunidade, ser distante do município e de difícil acesso e por atender indivíduos procedentes dos rios pertencentes às regiões Amazônicas. A Figura 1 apresenta o local com um ponto fixo na cor azul, que marca aproximadamente a distância de acesso da comunidade ao serviço de saúde.

**Figura 1** – Comunidade quilombola Alto do Pirativa, Santana, AP



Fonte: Calandrini, Alves e Silva (2023); Calandrini e Alves (2023b).

Participaram da ação mulheres e adolescentes de ambos os sexos moradores da comunidade quilombola Alto do Pirativa. Já a atividade educativa foi desenvolvida com a temática intitulada “Combatendo a sífilis e sífilis congênita  $< 0.5$ ”, que fez parte de uma mobilização do Grupo de Pesquisa Maternidade Saúde da Mulher e da Criança, da Universidade Federal Fluminense (UFF), que instigou nove estados vinculados ao grupo de pesquisa (GP) a realizar um movimento de combate à sífilis.

A programação incluiu os enfermeiros do GP, docentes e enfermeiros da Universidade Federal do Amapá (Unifap), acadêmicos do curso de bacharelado em Enfermagem da Unifap e apoiadores, como: Secretaria Municipal de Saúde de Santana, diretora e enfermeira da UBS do Alto Pirativa e líder da comunidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas dinâmicas de apresentação, atividade educativa, oferta de teste rápido para sífilis, consulta ginecológica em enfermagem, porém, antes de se trabalhar a temática, foi solicitado permissão para que o grupo de pesquisadores dialogasse com a comunidade quilombola, para conhecer os valores culturais. Isso oportunizou ao grupo um diálogo livre, sem preconceitos da temática com a comunidade e dentro da diversidade conforme podemos visualizar na Figura 2, o comprometimento com o cuidado a saúde.

**Figura 2** – Facilitadores, gestores e participantes das atividades na localidade Comunidade quilombola Alto do Pirativa, Santana, AP.



Fonte: Calandrini e Alves (2023a, 2023c).

Após essa etapa, os participantes foram direcionados a triagem, teste rápido e consulta ginecologia com a enfermagem. Trinta e duas pessoas realizaram consulta ginecológica com as enfermeiras e 22 se submeteram ao teste rápido para sífilis. Na consulta, as enfermeiras tiveram a oportunidade de dialogar sobre os cuidados e foi nesse momento que se percebeu que algumas têm histórico de hipertensão, índice de massa corpórea para sobrepeso, sofreram e sofrem algum tipo de violência sexual. Nenhum teste rápido positivou para sífilis.

A discussão sobre sífilis e sífilis congênita em uma comunidade quilombola, focalizando mulheres e adolescentes, revela a complexidade dos desafios enfrentados por esses grupos em relação ao acesso à saúde e à qualidade de vida. Notadamente, as atividades desenvolvidas na comunidade destacaram que, apesar das dificuldades locais, os residentes estão motivados a participar de iniciativas que promovam seu autocuidado (Figura 2).

A interconexão entre saúde, vida e trabalho destaca-se como uma expressão dos determinantes sociais da saúde (DSSs), abrangendo fatores sociais, econômicos, étnico-raciais, culturais, psicológicos e comportamentais.

Esses elementos, intrínsecos ao cotidiano da comunidade quilombola, exercem uma influência significativa no processo saúde-doença dos indivíduos, refletindo as condições sociais em que vivem e trabalham, conforme definição adotada pela OMS (Buss; Pellegrini Filho, 2007). No contexto dos adolescentes, que constituem um grupo populacional singular, torna-se imperativo adotar abordagens inovadoras para promover a saúde. O ciclo de vida dessa faixa etária evidencia que a saúde desses jovens é profundamente influenciada por hábitos comportamentais que os expõem a vulnerabilidades presentes na sociedade. O estudo de Brum, Motta e Zanatta (2019) e Franco *et al.* (2020), descreve que a vulnerabilidade dos adolescentes às ISTs pauta-se no recebimento de informações inadequadas sobre a temática e conseqüente conhecimento escasso sobre o tema.

Diante desse cenário, a compreensão aprofundada dos DSSs e a implementação de estratégias adaptadas à realidade da comunidade quilombola são essenciais para enfrentar os desafios relacionados a sífilis e sífilis congênita. A promoção da saúde desses grupos requer uma abordagem holística, considerando não apenas as dimensões biológicas, mas também os aspectos sociais, culturais e comportamentais que moldam a saúde dessas populações vulneráveis.

## CONCLUSÃO

As estratégias propostas contribuíram para a sensibilização acerca de sífilis e sífilis congênita e o combate a estas para a redução da incidência abaixo do limiar crítico de 0,5%, melhorando assim a saúde sexual e reprodutiva das mulheres e adolescentes ribeirinhos. O estudo evidenciou ainda que, para enfrentar os desafios associados a sífilis e SC nessas comunidades, é imperativo adotar uma abordagem holística e culturalmente sensível.

A promoção da saúde deve transcender os limites da dimensão biomédica, incorporando aspectos sociais, culturais e comportamentais que moldam a saúde dessas populações marginalizadas. A implementação de políticas e programas de saúde pública que considerem os determinantes sociais e as características específicas das comunidades quilombolas é essencial para avançar em direção a uma saúde mais equitativa e inclusiva.

Portanto, as atividades desenvolvidas não visam apenas oferecer soluções imediatas para a problemática apresentada, mas também se direcionam a estabelecer um precedente para abordagens de saúde pública inovadoras em comunidades de difícil acesso. A continuidade da pesquisa pode incluir avaliações de impacto e aprimoramentos contínuos nas estratégias implementadas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, C. C., *et al.* IST's na Adolescência. *In*: MOSTRA INTERDISCIPLINAR DO CURSO DE ENFERMAGEM, 3., 2019, Ceará. **Anais** [...]. Ceará: UniCatólica, 2019.

ANDRADE, A. L. M. B. *et al.* Diagnóstico tardio de sífilis congênita: uma realidade na atenção à saúde da mulher e da criança no Brasil. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 376–381, jul. 2018. DOI: 10.1590/1984-0462/;2018;36;3;00011. Disponível em: <https://www.scielo.br/rj/rpp/a/YW89sPHsznkK7m7fwvBFXJn/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 23 dez. 2023.

BETIN, L. D. S. **A política pública de saúde da família nas comunidades ribeirinhas em Itaqui/RS: uma análise do processo de implementação.** 2018. 95 p. Dissertação (Mestrado Profissional de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2018. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/handle/riiu/3739>. Acesso em: 23 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Boletim Epidemiológico de Sífilis 2023.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023. v. 1., Número Especial. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim-epidemiologico-de-sifilis-numero-especial-out.2023>. Acesso em: 23 dez. 2023.

BRUM, M. L. B.; MOTTA, M. da G. C. da; ZANATTA, E. A. Bioecological systems and elements that make adolescents vulnerable to sexually transmissible infections. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 28, p. e20170492, 2019. DOI: 10.1590/1980-265X-TCE-2017-0492. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/8PNZd4bRMGmYgsfTCjpV8fj/?lang=en#>. Acesso em: 23 dez. 2023.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, abr., 2007. DOI: 10.1590/S0103-73312007000100006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 out. 2021.

CABRAL, I. K. S. **Comportamento reprodutivo em mulheres ribeirinhas do médio Solimões, Amazonas, Brasil**. 2019. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade do Estado do Amazonas, Tefé, 2019. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br//handle/riuea/2306>. Acesso em: 23 dez. 2023.

CALANDRINI, T.; ALVES, V. **Diversidade**: um círculo de mãos em prol do cuidado em saúde. [s.l.: s.n.], 2023a. 1 foto, color., 95 KB, JPEG. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/742550>. Acesso em: 23 dez. 2023.

\_\_\_\_\_. **Identificação da comunidade quilombola ribeirinha**. [s.l.: s.n.], 2023b. 1 vídeo (02 seg), color., MP4. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/742552>. Acesso em: 23 dez. 2023.

\_\_\_\_\_. **Sazonalidade em comunidade quilombola no Alto do Pirativa/Santana/AP**. [s.l.: s.n.], 2023c. 1 vídeo (07 seg), color., 1,53 MB, mp4. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/742553>. Acesso em: 23 dez. 2023.

CALANDRINI, T.; ALVES, V.; SILVA, W. **Mapa da localidade ribeirinha São Tomé do Alto do Pirativa / Santana/Amapá**. [s. l.: s. n.], 2023. 1 foto aérea, color., 14,5 MB, png. Datum: SIRGAS 2000. Zona 22 N. Base Cartográfica: Google Earth. Base geográfica: IBGE 2021. Base Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/742444>. Acesso em: 23 dez. 2023.

FRANCO, M. de S. *et al.* Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, [S. l.], v. 14, p. 1-7, 2020. DOI: 10.5205/1981-8963.2020.244493. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/244493/36297>. Acesso em: 07 jul. 2022.

GAMA, A. S. M. *et al.* Inquérito de saúde em comunidades ribeirinhas do Amazonas, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 17-22, 2018. DOI: 10.1590/0102-311X00002817. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/nWyTKM4WRV5Gxr4pSVT4Mnp/abstract/?lang=pt#ModalTutors>. Acesso em: 07 jul. 2022.

MARQUES, J. V. S. *et al.* Perfil epidemiológico da sífilis gestacional: clínica e evolução de 2012 a 2017. **SANARE - Revista de Políticas Públicas**, Sobral, v. 17, n. 2, 2018. DOI: 10.36925/sanare.v17i2.1257. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1257>. Acesso em: 22 fev. 2024.

MOREIRA, G. B. C. *et al.* Adolescentes e as infecções sexualmente transmissíveis: comportamentos de risco e fatores contextuais que contribuem para o aumento da incidência no Brasil. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, [S. l.], v. 5, n.1, p. 59-66, 2021. Disponível em: <https://revista.fcmmg.br/index.php/RICM/article/view/120>. Acesso em: 22 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Organização Mundial da Saúde publica novas estimativas sobre sífilis congênita**. [s. l.]: Organização Pan-Americana da Saúde, 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/28-2-2019-organizacao-mundial-da-saude-publica-novas-estimativas-sobre-sifilis-congenita>. Acesso em: 10 dez. 2023.

ROCHA, D. R.; SILVA, G. M. da. Vulnerabilidade na adolescência com enfoque em infecções sexualmente transmissíveis e os desafios dos professores no processo de orientação. **Educação & Linguagem**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 43-59, 2019. DOI: 10.15603/2176-1043/el.v22n2p43-59. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/9840>. Acesso em: 10 dez. 2023.

VILAS BÔAS, L. M. da S.; OLIVEIRA, D. C. A saúde nas comunidades ribeirinhas da região norte brasileira: revisão sistemática da literatura. **Atas - Investigação Qualitativa em Saúde**, [S. l.], v. 2, p. 1386-95, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/47554093-A-saude-nas-comunidades-ribeirinhas-da-regiao-norte-brasileira-revisao-sistemica-da-literatura.html>. Acesso em: 10 dez. 2023.